



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LETRAS

LIDIJANE ALVES DA SILVA

AS VARIANTES DO CONTO “CINDERELA”

GUARABIRA-PB

2014

LIDIJANE ALVES DA SILVA

AS VARIANTES DO CONTO “CINDERELA”

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras–habilitação português- da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à regência para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a Marilene Carlos do Vale Melo

GUARABIRA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Lidijane Alves da
As variantes do Conto Cinderela [manuscrito] / Lidijane Alves da Silva. - 2014.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Marilene Carlos do Vale Melo,
Departamento de Licenciatura em Letras".

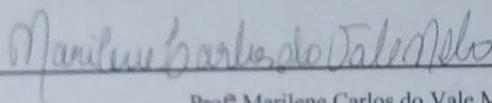
1. Conto. 2. Leitura. 3. Literatura Infantil. I. Título.
21. ed. CDD B869

LIDIANE ALVES DA SILVA

AS VARIANTES DO CONTO "CINDERELA"

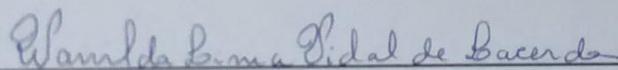
Aprovado em 02 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



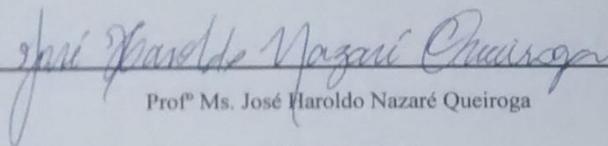
Profª Marilene Carlos do Vale Melo

(Orientadora)



Profª Drª Wanilda Lima Vidal de Lacerda

(1º Examinador)



Profª Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

(2º Examinador)

GUARABIRA-PB

2014

RESUMO

Para a pesquisa desenvolvida neste artigo, foi feito um levantamento de diversas versões do conto “Cinderela”, com o objetivo de identificar as variantes existentes nessas versões. As versões trabalhadas foram: o volume “Cinderela” que encontra-se na coleção “Contos de Grimm”, “A Gata Borralheira” de Giambattiste Basile, “Cinderela” de Edelbra Indústria Gráfica e Editora Ltda, “Cinderela” da coletânea “Um tesouro de conto de fadas”, “Cinderela” da coleção “Contos Clássicos”, “O Sapatinho de Cristal” da coleção Histórias ou Contos de Outrora, “A Gata Borralheira” da Editora LTDA, “A Gata Borralheira” publicada nos “Contos da Carochinha”, “Cinderela” divulgada pela DCL, “Cinderela” Editora Girassol, “Cinderela” da Editora Brasileitura e “Cinderela Brasileira” da Editora Paulus. Partindo da mais antiga às versões modernas, identificamos as variantes que o texto sofreu nas diversas outras versões que se seguiram. Para tanto, seguimos a teoria da intertextualidade de Julia Kristeva, que trata da relação entre os textos.

Palavras-Chave: Conto. Leitura. Literatura Infantil.

I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é identificar as variantes de diversas versões do conto de fadas “Cinderela”, como o volume “Cinderela” que encontra-se na coleção “Contos de Grimm”, “A Gata Borralheira” de Giambattista Basile, “Cinderela” de Edelbra Indústria Gráfica e Editora Ltda, “Cinderela” da coletânea “Um tesouro de conto de fadas”, “Cinderela” da coleção “Contos Clássicos”, “O Sapatinho de Cristal” da coleção Histórias ou Contos de Outrora, “A Gata Borralheira” da Editora LTDA, “A Gata Borralheira” publicada nos “Contos da Carochinha”, “Cinderela” divulgada pela DCL, “Cinderela” Editora Girassol, “Cinderela” da Editora Brasileitura e “Cinderela Brasileira” da Editora Paulus.

O estudo baseia-se nas versões a partir da mais antiga, a do francês Charles Perrault seguida das demais versões, escolhidas pela ordem cronológica de publicação.

A história foi contada através da tradição oral por muitos anos até ser escrita por Perrault. Outros escritores escreveram história e contribuíram, significativamente, para resgatar uma parcela do imaginário popular, em determinado tempo e espaço, e que, por vezes, não pode ser só uma faculdade criativa, mas uma possível interpretação de suas vicissitudes.

O estudo das versões é para identificar as variantes do texto mais antigo, a versão de Perrault. Para isto, iniciamos fazendo a descrição física das versões. Em seguida, fizemos um estudo das versões para identificar as variantes que o texto sofreu ao longo do tempo, a partir da comparação dos elementos da estrutura da narrativa, como: personagens, tempo, espaço, ação, linguagem, e outros aspectos como a ilustração, por exemplo.

Tomamos como base para o estudo das relações entre o texto as teorias modernas sobre o assunto, especialmente a de Julia Kristeva, dentre outros, que trata da teoria da intertextualidade, mostrando como cada texto desconstrói outros textos, reescrevendo-os em outro momento histórico.

Segundo a teoria, não há texto primeiro, original, já que cada texto é uma citação de outro texto. E, do ponto de vista do escritor, o seu texto é citação de um outro escritor passado, mas dentro de uma estética do receptor.

Em Bakhtin, as relações dialógicas são o princípio básico da intertextualidade. Essas relações consistem basicamente em pensar a história e a sociedade como textos que o autor assimila e, logo, insere em seu próprio texto. Assim, entendida, a história e a sociedade se escrevem e se leem na infra-estrutura dos textos dos quais eles fazem parte e estes, por sua vez, fazem parte delas.

A partir dos estudos Bakhtinianos, em 1969, em lugar da noção de Intersubjetividade, Julia Kristeva instalou o termo Intertextualidade, chegando à sua noção nos estudos sobre o processo de construção de texto. Segundo Kristeva, qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto. É o que chama de função intertextual, que determina em cada texto coordenadas históricas e sociais.

Há duas finalidades bem distintas no processo intertextual: reafirmar a ideia do texto citado e parodiar, ou contestar o texto citado.

Segundo Laurent (1979), a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizado, que detém o comando de sentido.

No entendimento de Fiorin (2006), a intertextualidade é um procedimento real de constituição do texto.

Neste sentido, o texto não é apenas um objeto de estudo ou um produto, mas algo “novo”, uma nova atitude que se bifurca em várias descrições, visando manter relações com o mundo de significados sempre em expansão.

II. A CINDERELA TRANSFORMADA

As histórias populares contém um teor cultural muito expressivo e, em qualquer tempo e lugar, sempre tiveram um papel fundamental no momento de reflexão: a força criadora e o teor de saber contidos nessas histórias, bem como seus arquétipos, permitem aos homens, em uma comunidade, elaborarem significados, experimentarem emoções, construir suas identidades e encontrarem respostas para perguntas universais, e, principalmente, encontrarem saída para fluírem seus instintos criativos.

O conto de fadas é um mundo habitado por seres maravilhosos: fadas, magos, bruxas, anões, gigantes, princesas, animais falantes etc. Tudo o que acontece nele, por mais estranho que possa parecer, é cercado de encantamento e magia, e o bem sempre vence o mal. O famoso “Eram uma vez...”, expressão que se intitucionalizou com Basile, marca o início de cada história e o desenrolar da trama, em todas as narrativas, acontece em três tempos – conflito, viagem e metamorfose. Já os finais são “felizes para sempre”.

Em uma sociedade, estas mesmas histórias são responsáveis, não somente pela transmissão da sua espiritualidade e da sua cultura, mas permitem a seus membros uma convivência pacífica e integrada. São histórias que tem raízes longínquas e foram

transmitidas, século após século, através da oralidade e da escrita. Em parte, muitas dessas histórias chegaram até nós enriquecidas ao longo do caminho, por elementos fantasiosos envolvendo seres sobrenaturais. Seus personagens expressam fantasias, temores, esperanças, sonhos ainda vivos no íntimo de cada um, de todas as formas, de todas as cores e em qualquer lugar. E, apesar de todas as interposições, interpretações e adaptações elas nos consentem uma maior clareza, no que se refere aos estudos das civilizações.

Para iniciar o nosso estudo, fizemos a descrição das versões que serão estudadas: A “Cinderela” que encontra-se na coleção “Contos de Grimm”, “A Gata Borralheira” de Giambattiste Basile, “Cinderela” de Edelbra Indústria Gráfica e Editora Ltda, “Cinderela” da coletânea “Um tesouro de conto de fadas”, “Cinderela” da coleção “Contos Clássicos”, “O Sapatinho de Cristal” da coleção Histórias ou Contos de Outrora, “A Gata Borralheira” da Editora LTDA, “A Gata Borralheira” publicada nos “Contos da Carochinha”, “Cinderela” divulgada pela DCL, “Cinderela” Editora Girassol, “Cinderela” da Editora Brasileitura e “Cinderela Brasileira” da Editora Paulus.

III. DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

1. A VERSÃO DE CHARLES PERRAULT

A coletânea Contos de Perrault, que examinei na sua quinta edição, de 1999, é oitavo volume da coleção Grandes Obras da Cultura Universal (na série “Clássicos de Sempre”) publicada pela editora Villa Rica, de Belo Horizonte. O volume contém uma introdução, “A respeito dos contos de fadas”, de P. J. Sthal (STHAL, 1999, p.15) e um apêndice, “A Vida e obra de Perrault”. Consta do volume também uma tradução para o português da “Cinderela” dos Irmãos Grimm (p.248-258).

O conto em análise recebe o título de “Cinderela ou o sapatinho de cristal” em português, traduzido do francês “*Cendrillon ou la petite pantoufle de verre*”. O nome da tradutora, Regina Régis Junqueira, bem como o do ilustrador, Gustave Doré, aparecem na folha de rosto, Informações adicionais são fornecidas na última folha do livro (PERRAULT, 1999, p.210), entre elas, de que se trata de uma nova “tradução”.

2. A VERSÃO DOS IRMÃOS GRIMM

O volume Cinderela é um dos que compõem a coleção Contos de Grimm publicada, em São Paulo, pela editora Ática, e que chegava a sua 6ª edição em 1999 (ÁTICANET, 2008).

Na contracapa do volume Cinderela, a editora informa tratar-se de:

Histórias traduzidas da versão integral da 7ª edição Kinder-und Hausmärchen, narrativas recolhidas da tradição alemã pelos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm. Tradução de Dante Pignatari. Texto final de Maria Heloísa Penteadó. Título original Grimms Märchen. © by Verlag J. F. Schreiber GmbH, 7300 Esslingen – Germany.

Na contracapa, a editora informa, ainda, que a coleção tem “texto em português” da escritora Maria Heloisa Penteadó e ilustrações da artista plástica russa Anastassija Archipowa.

As ilustrações da coleção são reproduzidas da edição alemã. A editora fornece as seguintes informações sobre a ilustradora, também na quarta capa:

Anastassija Archipowa nasceu em 1955 e é livre-docente na Escola Superior de Artes W. I. Surikov, em Moscou. Ela já ilustrou vários clássicos da literatura universal, e seu trabalho é conhecido em toda a Europa. Com suas ilustrações, Anastassija nos transporta para uma viagem no tempo e no espaço, recriando personagens —camponeses, princesas, príncipes, duendes e animais encantados —numa atmosfera típica dos contos maravilhosos.

3. A VERSÃO DE GIAMBATTISTA BASILE

A versão de Basile foi publicada em 2003 pela editora Planeta Brasil, traduzida pelo escritor paulistano Toni Brandão, este com projetos nas áreas de Literatura, teatro, TV (adaptação de O Sítio do Pica-pau Amarelo), cinema, internet, CD-ROM e E-Book. Trata-se da sua 1ª edição, colorida e ilustrada por Ana Raquel. O volume contém 64 páginas, com o formato de 17,5cm x 27cm, seguido de uma encadernação rústica.

A capa dessa edição traz o título “A Gata Borracheira”, seguido do nome do escritor Toni Brandão e, logo abaixo, vem o nome da ilustradora, Ana Raquel.

4. A CINDERELA MODERNA EM PEQUENO FORMATO

4.1. CINDERELA – EDELBRA

O livro “Cinderela”, de propriedade de Walt Disney Enterprises, foi publicado em 2006, com composição, impressão e acabamento realizado por Edelbra Indústria Gráfica e Editora Ltda, como parte da série “Primeiros Amigos”. Esta edição tem formato de 12cm x 20cm, brochura e quinze páginas. As ilustrações não cobrem a página por completo. Na parte superior de cada página há uma borda com três figuras que representam a história: uma carruagem, dois cavalos e uma cesta com novelos de lã.

Na contracapa, a editora informa que o texto se trata de uma “adaptação e revisão” feita por Vera Schimanski Axelrud, o que deixa claro que a editora considera que o texto sofreu alterações maiores do que as que seriam de se esperar caso fosse anunciado como uma “tradução”.

4.2. CINDERELA – DS-MAX

Esta versão de “Cinderela” consta da coletânea *Um tesouro de conto de fadas*, da editora Ds-Max, publicada em 1994.

Em 1994, esta edição foi traduzida do francês para o inglês pela Editora Transedition Limited, com sede em Oxford, na Inglaterra, que inaugurava seu selo Camelot Editions (2008), especificamente para a edição de livros infanto-juvenis. Chama grande atenção o fato de que, nas informações fornecidas pela editora, em momento algum, é citada a edição em língua portuguesa, nem o nome do tradutor, aparecendo somente o nome da ilustradora, Annie Claude Martin. São somente prestadas as informações abaixo:

Esta edição foi publicada em 1994 nos Estados Unidos por Transedition Limited, Oxford, England. Impresso nos EUA por Quebecor.

4.3. CINDERELA – EDITORA WKIDS

O livro “Cinderela”, da Editora WKids, faz parte da coleção “Contos Clássicos” (ou Mini Contos Clássicos). O volume tem formato de 13cm x 18cm, brochura, e a estória possui oito páginas.

Não há menção do nome do autor do texto original, nem aparece o nome do tradutor. O nome da empresa responsável pelas ilustrações aparece na contracapa: MW.

5. A VERSÃO DE PERRAULT “SAPATINHO DE CRISTAL”

Outro conto de Charles Perrault, “O Sapatinho de Cristal”, faz parte da coleção Histórias ou Contos de Outrora, mede 23.5 cm x 15 cm. Contêm 14 páginas, todas numeradas e possuem 3 ilustrações: a fada madrinha ao lado de Cinderela, tirando o miolo da abóbora que transformou em carruagem, p. 125; Cinderela ao lado do príncipe e sob os olhares dos convidados do baile, p. 129; Cinderela provando o sapatinho de vidro, p. 133. A concepção e tradução é de Renata Cordeiro e as ilustrações de Gustave Doré. Editora Landy.

6. VERSÃO DA ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS

A versão do conto, cujo título é “A Gata Borracheira”, da Enciclopédia de Conhecimentos (E.C)-Novo Tesouro da Juventude- vol. 8, editora LTDA, mede 25 cm x 16.5 cm. Contém 6 páginas, todas numeradas. Aparecem apenas 3 ilustrações: Cinderela catando nas cinzas as lentilhas que foram jogadas pela madrasta, p. 99; a figura do castelo, onde morava o príncipe, p. 100; o príncipe montado a cavalo ao lado de Cinderela, p. 103.

7. A GATA BORRALHEIRA – Figueiredo Pimentel

A edição de Figueiredo Pimentel, publicada nos “Contos da Carochinha” (C.C))-vol.1, cujo título também é “A gata Borracheira” mede 20 cm x 13.5 cm. Possui apenas 4 páginas, e, somente na primeira, aparece uma ilustração de Julião Machado, na qual o príncipe põe o sapato no pé da Gata Borracheira, pág. 99.

8. VERSÃO DA DIFUSÃO CULTURAL DE LIVRO

A versão divulgada pela DCL (Difusão Cultural do Livro), “Cinderela”, mede 28 cm x 20 cm e contém 4 páginas. O texto possui uma espécie de moldura, em forma de ilustrações, que envolvem todas as páginas do conto.

9. VERSÃO DA EDITORA GIRASSOL

A Editora Girassol, na sua coleção Os Melhores Clássicos (M.C), “Cinderela”, publicou Cinderela, com 16 páginas que medem 19 cm x 14 cm, todas com ilustrações, até a capa, mas, sem numeração.

10. DA EDITORA BRASILEITURA

As versões da editora Brasileitura, coleção Histórias Encantadas (H.E) e Coleção Clássicos de Ouro (C.O), “Cinderela”, medem 20 cm x 13.5 cm. Em ambas, as ilustrações são de © Belli Studio e o texto de Cristina Marques. O conto da coleção Histórias Encantadas, possui 4 páginas, todas com ilustrações e sem numeração. Já a coleção Clássicos de Ouro, possui 8 páginas, todas com ilustrações e também sem numeração.

11. EDITORA PAULUS

O texto de Marycarolyn France, “Cinderela Brasileira”, da editora Paulus, mede 28 cm x 20 cm. As ilustrações são de Graça Lima e a tradução de Luiz Raul machado.

IV. AS VARIANTES DO CONTO

Das versões consultadas do conto de fadas “Cinderela”, a mais antiga é a de Charles Perrault e a dos irmãos Grimm. As demais versões que analisamos, baseiam-se diretamente, ou indiretamente, nelas.

“Cinderela” é uma narrativa que se desenrola em três etapas: primeiro ela se engaja em um conflito com a madrasta; passa de princesa à serva, e por último, muda a sua condição social tornando-se rainha.

Na narrativa de Perrault, a fidelidade às raízes do povo é de uma visibilidade considerável. O escritor utiliza recursos da fada em relação ao casamento com o príncipe. A submissão feminina, que serve de pretexto para a união da burguesia com a nobreza, demonstra um comportamento mais natural, não idealizado, chegando até a desconfiar das virtudes femininas, destacando os bons e os maus procedimentos com intuito pedagógico e moralizante.

Comparadas as várias versões do conto de fadas *Cinderela*, identificamos inúmeros trechos que foram interpretados e escritos de formas diferentes pelos seus respectivos adaptadores.

A Borralheira por Perrault é detentora de muita ingenuidade. Em seu conto é ela própria quem decide dormir entre as cinzas, fato que deu origem ao seu nome.

“Quando terminava o trabalho, ia para um canto da lareira e se instalava entre as cinzas”.

Esse tipo de autodesvalorização não existe na história dos irmãos Grimm.

Na coletânea dos Grimm, “Cinderela” é uma jovem corajosa que se engajou na luta pelo patriotismo, espírito típico de uma época em que vários países da Europa, sobretudo a jovem Alemanha, tentavam resgatar suas identidades, dispersas pelo exército napoleônico. E pode ser que eles, os Grimm, tenham captado, na morte da mãe de Cinderela, uma identidade perdida: a moça, sublimando sua dor e sua infelicidade, ao chorar no túmulo da mãe, reverte a sua condição e tem um final feliz para a sua vida.

Alguns contos fazem referência à aparência de Cinderela, outros não. Porém, em todas as versões Cinderela aparece como empregada doméstica da madrasta e das irmãs de criação.

Em uma outra versão do conto de fadas Cinderela de Charles Perrault, “O Sapatinho de Vidro”, com a tradução de Renata Cordeiro, mostra as qualidades da protagonista, os maus tratos que ela recebia e diz que uma das irmãs a chamava de Gata Borralheira e a outra a chamava de Cinderela:

Não suportava as boas qualidades da menina [...] [...] lavar a louça e os degraus da escada, esfregar o chão do quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Dormia no alto da casa, num sótão, em cima de um horrível esfregão [...] Depois de executar as suas tarefas, ela ia para um canto da lareira e sentava-se no borralho, e por isso os da casa a chamavam de Gata Borralheira. A caçula, que não era tão desonesta quanto a mais velha, a chamava de Cinderela, (p. 121 e 122).

No texto do volume 8 da Enciclopédia de Conhecimentos (E.C) – Novo Tesouro da Juventude – a personagem principal chamava-se Cinderela e recebeu o apelido de Gata Borralheira: “Como estava sempre suja e cheia de cinzas, puseram-lhe o apelido de Gata Borralheira”, p. 99.

No texto elaborado por Basile, a protagonista napolitana tem dois nomes e aparece na sexta história da coletânea. Ela é Zezolla, a filha amada de um rei viúvo, e revela sua outra face ao matar sua primeira madrasta, instigada pela segunda, que até então era uma bondosa governanta. Para isto, bastaria soltar a tampa do baú sobre a cabeça da madrasta enquanto ela estivesse procurando algo lá dentro. E assim aconteceu Zezolla colocou em prática o diabólico plano da governanta, que depois tornou-se sua madrasta. Imediatamente, a nova madrasta revela a sua maldade e a existência das suas seis filhas, até então mantidas em segredo e obriga Zezolla a passar dos salões suntuosos para a cozinha, junto ao fogão e, por desprezo, é chamada de Gatta Cenerentola.

Na versão de Figueiredo Pimentel, não aparece o nome Cinderela, apenas Gata Borralheira: “As irmãs por zombaria, chamavam-na de Gata Borralheira”, p. 99.

Na coleção “Paraíso da Criança” (P.C), de Regina Duarte, a protagonista do conto chamava-se Cinderela: “E, por estar sempre suja, recebeu o apelido de Gata Borralheira”.

Na edição publicada pela DCL (Difusão Cultural do Livro), não há referência a nenhum apelido, e diz apenas que a linda menina chamava-se Cinderela: “Há muito tempo atrás, em um pequeno Reino, viviam uma linda e meiga menina chamada Cinderela [...]”.

Nas coleções Os Melhores Clássicos (M.C), da editora Girassol, coleção Histórias Encantadas (H.E) e Clássicos de Ouro (C.O), da Brasileitura, o nome da personagem protagonista não é mencionado, apenas o apelido de Cinderela por ser a doméstica da casa: “Ela passou a dormir na cozinha e ser chamada de Cinderela (M.C); “[...] ela passou a ser uma criada, chamavam-na de Cinderela” (H.E), (C.O).

O pai de Cinderela aparece no conto de C. Perrault, “Cinderela”, com o nome de Joaquim. Logo após a morte da esposa, casou-se com uma senhora viúva que tinha duas filhas. Devido aos maus tratos que sua nova esposa e suas duas filhas proporcionavam à sua querida filha, Cinderela, ele de tanta tristeza faleceu: “É fácil imaginar a tristeza de Joaquim, quando tomou conhecimento disso; mas, agora, não havia mais remédio. Por causa deste desgosto, ficou doente e pouco depois faleceu”.

Já na outra versão de Perrault, “O Sapatinho de Vidro”, não menciona o nome do pai de Cinderela, e este, não sabia que a filha recebia maus tratos por parte da esposa de suas duas filhas: “Era uma vez um gentil-homem [...] A pobre menina suportava tudo com paciência e

não ousava queixar-se ao pai, que a censuraria, porque a esposa o dominava por completo” p. 121 e 122. Este conto, não faz referência a morte deste personagem.

Na versão de Figueiredo Pimentel, Contos da Carochinha (C.C), diz que o viúvo chamava-se Lucas, não fazendo referência a sua riqueza: “Um homem, chamado Lucas, tendo enviuvado [...]” p. 99.

A versão de Regina Duarte, na série Paraíso da Criança (P.C), não diz o nome do pai de cinderela, apenas que era um rico viúvo que morreu após o segundo casamento: “Era uma vez um viúvo rico que, pensando no futuro da sua jovem filha Cinderela, resolveu casar-se novamente [...]”, “Quando ele morreu [...]”

O texto da DCL assemelha-se ao de C. Perrault, diferenciando-se, apenas, por não mencionar o nome do personagem:

E, seu pai, pensando que Cinderela precisava de alguém que cuidasse dela e de companhia de sua idade, resolveu casar-se novamente. Propôs casamento a uma viúva que tinha duas filhas. O pai desgostoso com a situação ficou muito doente e morreu (DCL).

Nas versões da editora Girassol (M.C) e da Brasileitura (H.E e C.O), são praticamente iguais e não mencionam o nome dele:

Um homem viúvo tinha uma filha a quem amava muito. Um dia ele decidiu casar-se novamente e, pouco tempo depois, morreu, (M.C); Um senhor viúvo tinha uma filha a quem muito amava. Casou-se outra vez com uma viúva que tinha duas filhas. Quando ele morreu, sua filha ficou muito triste (H.E e C.O).

As versões da editora Sapeca (C.I) e da WKids (PRINC.), não fazem referência alguma a tal personagem.

Em uma análise feita com base na versão mais conhecida do conto, pela versão da editora Villa Rica, Cinderela dormia num quarto que servia de celeiro e suas irmãs dormiam em quartos assoalhados. Para o baile, Cinderela vestiu os vestidos bordados de ouro e prata e lindos sapatos.

A figura da fada madrinha aparece em quase todas as versões, vestindo Cinderela com um belo e luxuoso vestido e uns lindos sapatinhos de cristal.

As mágicas realizadas pela Fada Madrinha de Cinderela são um ponto importante do conto. Nesta edição da Editora Villa Rica, a abóbora é transformada na carruagem, os ratos em cavalos, o cacho em cocheiro e os lagartos em lacaios, todos à conduzir Cinderela até o baile.

Em “O Sapatinho de Vidro”, também de C. Perrault, a fada madrinha usa a varinha de condão para realizar seu encanto, e o vestido que trajou Cinderela era de ouro de prata e os sapatinhos de vidro: “À madrinha bastou tocá-la com a varinha de condão e, de repente, a roupa se transformou num vestido de ouro e prata, todo enfeitado com pedras preciosas. Em seguida, deu-lhe um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo.”(p. 127).

A versão da DCL, diz que o vestido era dourado e os sapatinhos de cristal: “E de repente, com um simples toque da varinha de condão na cabeça de Cinderela, transformou suas roupas rasgadas em um lindo vestido dourado que lembravam raios de sol e em delicados sapatinhos de cristal”.

Na versão da editora Edelbra (P.C), Girassol (M.C), Brasileitura (H.E e C.O), Sapeca (C.I) e WKids (PRINC.), não mencionam a cor do vestido que Cinderela recebeu da fada madrinha, e todas destacam que os sapatinhos eram de cristal:

Com sua varinha mágica transformou suas roupas num traje maravilhoso. Ao correr perdeu seu sapatinho de cristal, (H.E e C.O); Foi então que apareceu sua fada madrinha e, com uma varinha de condão, deu-lhe uma linda carruagem, um maravilhoso vestido e [...] sapatinhos de cristal, (C.I); A fada transformou as roupas velhas da jovem em um maravilhoso vestido [...] Saiu correndo e acabou perdendo seu sapatinho de cristal, (PRINC.).

Apenas nas versões das editoras Edelbra (P.C) e WKids (PRINC.), não aparece o termo “varinha de condão”.

Nas versões, Cinderela e O Sapatinho de Vidro, de Perrault, a fada madrinha transformou uma abóbora em uma bela carruagem de ouro para levar Cinderela até o palácio real, e transformou seis ratos em cavalos que conduziram a carruagem:

A fada pediu a Cinderela que fosse no pomar e escolhesse uma bela abóbora: com uma leve batidinha saiu dela uma porção de ratinhos. ‘Toc... toc... toc e a abóbora transformou-se em uma esplêndida carruagem toda de ouro, e em lugar dos ratinhos apareceram seis belíssimos cavalos, de crina longa e pêlo luzidio, (CINDERELA).
-Vá ao jardim e traga-me uma abóbora.A madrinha a abriu, tirou o miolo, ficando só com a casca, que tocou com a varinha de condão, e a abóbora, de repente, se transformou numa linda carruagem toda dourada. Em seguida foi olhar na ratoeira, onde encontrou seis ratinhos vivos [...] ela tocava com a varinha, e o ratinho logo se transformava num belo cavalo [...] (S.V, p. 124).

Nas versões da editora Edelbra (P.C), DCL e WKids (PRINC.), diz apenas que a fada transformou a abóbora em uma carruagem: “Depois de uma abóbora fez surgir uma linda carruagem”, (P.C); “E novamente usou sua varinha para, da abóbora, ter uma elegante carruagem”, DCL; “[...] e, de uma abóbora fez uma linda carruagem que a levou até o castelo”, (PRINC.).

As edições da editora Girassol (M.C) e da Brasileitura (H.E e C.O) também relatam que a carruagem surgiu de uma abóbora, os cavalos de ratos e o cocheiro, o condutor da carruagem, de um gato: “Depois transformou uma abóbora em carruagem, os ratos em cavalos e o gato num elegante cocheiro”, (M.C); “A fada ainda transformou uma abóbora em uma linda carruagem, o gato em cocheiro e o rato num belo cavalo”, (H.E e C.O).

Na versão dos irmãos Grimm, não existe fada madrinha, e sim uma aveleira, que ficava perto do túmulo da mãe. Essa árvore era mágica, e tudo o que Cinderela desejava ali embaixo acontecia. O vestido do baile, por exemplo, foi trazido por pássaros.

Outra questão que chama a atenção é o modo como é tratado o calçado de Cinderela, em se tratando do material de que é feito o símbolo maior do conto, que aparece no trecho em que a Fada Madrinha, com um toque de mágica, apronta Cinderela para o baile:

“Depois a madrinha lhe deu um par de sapatinhos que eram a coisa mais linda do mundo.”

Mesmo que não haja menção do material dos sapatinhos, subentende-se que era feito de cristal, como indica o título do conto. Porém, vidro e cristal são materiais com valores diferentes. Acredito que o sapatinho de Cinderela era de cristal, pois os objetos feitos desse material são mais trabalhosos e de uma qualidade e beleza incomparáveis, o que é coerente, uma vez que todas as versões consideram o sapato “o mais lindo do mundo” e “a coisa mais linda do mundo”.

As personagens da madrasta e de suas duas filhas aparecem em todas as versões abordadas, cheias de inveja e fazendo o mal à pobre Cinderela. Nota-se também, que em nenhum desses textos, com exceção do conto “O Sapatinho de Vidro”, de Perrault, aparece o nome das irmãs malvadas: “Por favor, senhorita Javotte, empreste-me aquele vestido amarelo que usa todos os dias” (S.V, p. 128).

Alguns aspectos linguísticos também foram analisados nesta edição do conto, a começar por aquela que é considerada a marca essencial do conto de fadas: o “era uma vez...”. Este clichê dá a sensação de realmente estar lendo um conto, que foi, há muito tempo atrás, contado por alguém e vem-se perpetuando até hoje.

No trecho citado abaixo, Cinderela chega deslumbrante no baile, deixando a todos surpresos e perplexos, tamanha era sua beleza.

“O próprio rei, velho como era, não se cansava de contemplá-la e de dizer baixinho para a rainha que havia muito tempo ele não via uma criatura tão bela e amorável”.

Quanto à linguagem das diversas versões, fica a dúvida se a leitura não poderia ter sido mais facilitada, para atrair mais as crianças, utilizando-se termos mais usuais e simples, que não fugissem tanto da linguagem corrente delas, ou se há um aspecto mais didático em que apresenta vocabulário novo às crianças.

As figuras de linguagem também fazem suas aparições no texto. Percebe-se esse fato no momento em que, pela primeira vez, Cinderela chega no baile e causa tanta perplexidade que:

“Fez-se então um grande silêncio, todos pararam de dançar e até os violões se calaram.”

Neste trecho, há o uso da prosopopeia, com “violões calaram”.

Os recursos metafóricos marcam significativamente o texto de Basile e não funcionam como simples expediente retórico, mas reforçam a sua característica barroca. A linguagem popular representa amplamente a tradição folclórica.

Na versão de Perrault, o baile do castelo acontece em duas noites e Cinderela comparece a ambas. Na primeira noite, ela foi embora quando falta um quarto para as doze badaladas. Já na segunda, ela se entretém com o príncipe e sai às pressas, exatamente quando escuta a primeira badalada da meia-noite, deixando o sapatinho sair do pé. É bom ressaltar também que durante a festa, muito simpática, Cinderela foi conversar e sentar com as irmãs tortas, que não a reconheceram de tão linda que estava. Já os *Grimm*, fazem uma verdadeira festança de três noites, e nas três noites Cinderela tem que distrair o príncipe para chegar em sua casa sem que ele perceba onde ela mora. Detalhe: não tem nada de que de meia-noite a magia se desfaz. Cinderela passa as três noites na festa até altas horas, sem olhar para o relógio.

Basile propôs que ela fosse à festa por três dias. Antes de sair, ela pronunciava os versos mágicos e logo se via vestida como uma rainha. Nos dois primeiros dias ela fugiu da festa enganando o servo do rei com pérolas e moedas de ouro. No terceiro dia da festa, depois de despertar a atenção de todos, e principalmente a do rei, com a sua extraordinária beleza, a jovem saiu da festa seguida pelo servo, que desta vez se mostrou mais atento. Para que ele não a alcançasse, Zezolla pediu ao cocheiro que se apressasse, e, na pressa, perdeu um dos sapatos.

No trecho citado abaixo, as irmãs de Cinderela aprontam-se para o baile, penteiam-se e fazem aquilo que mais se aproximaria de uma maquilagem hoje em dia — colocam uma falsa pinta no rosto:

“A chapeleira foi convocada, para ajeitar-lhes os toucados, tendo sido encomendadas pintas de seda preta a uma boa artesã.

Nesse trecho estão problemas de vocabulário que podem interferir no entendimento do leitor moderno. O uso da palavra “chapeleira” e, ainda mais complicado para o leitor de hoje, a palavra “toucados” que dificultam a compreensão da passagem.

Em comparação com a versão dos irmãos Grimm, na tradução de Maria Heloisa Penteadó, no que se refere à linguagem, o texto traz um vocabulário que sugere preocupação em atribuir elegância à voz dos narradores e dos personagens, pelo uso de termos pouco coloquiais. A título de exemplo, Penteadó usa o adjetivo “imbecil” e a expressão “seu alvo manto”. O adjetivo em questão pode ser entendido como uma visão grosseira, que discrimina ainda mais Cinderela.

Ainda, na versão dos Grimm, há o uso da rima, como é mostrado no verso abaixo:

“Olhe para trás! Olhe para trás! Há sangue no sapato, que é pequeno demais! Não é a noiva certa que vai sentada atrás!”

Os versos rimados causam impressão de que Cinderela está cantando para os pássaros, fazendo quase uma oração para que seus pedidos sejam realizados.

No conto de Perrault, ninguém desconfia que Cinderela é a dona do sapatinho. Portanto, quando ela falou que queria experimentar, as irmãs riram e zombaram dela. Ao verem que o sapatinho cabia perfeitamente em seu pé, ela tira do bolso o outro par.

Os Grimm relatam algo bem mais chocante e assustador. Segundo a versão deles, a madrasta, para fazer os sapatinhos caberem no pé de suas filhas, corta o dedão de uma e, depois, um pedaço do calcanhar da outra. Mas devido ao sangramento e ao passarinho que apontam tudo, o plano da vilã não se realiza. Um final diferente daquele apresentado nas napolitana e francesa

Enfim, Cinderela e o príncipe se casaram e como a moça era bondosa, na versão de Perrault, ela instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois fidalgos da corte.

Já a versão dos Irmãos Grimm, que é bem mais medonha, pombos furam os olhos das irmãs durante o casamento da Cinderela, deixando-as cegas. Isso demonstra que as pombas, as mesmas que atendiam os pedidos de Cinderela, trataram de fazer o que ela não faria, devido a sua imensa bondade: vingar -se.

Mas esse não é realmente o final do conto. Perrault anexou a ele dois pequenos poemas, a que denominou “moral”, ou, como dizemos: “a moral da história”. Estes pequenos poemas estão ausentes na versão da Editora Villa Rica.

A “Cinderela Brasileira”, diferente de todas as demais versões estudadas, tem um nome popular brasileiro, Maria: “Era uma vez uma moça chamada Maria [...]”.

Como no Brasil não há reinos nem palácios, a Cinderela Brasileira morava na floresta, com o pai e a mãe e viviam, assim como milhões de brasileiros, da pecuária: “O pai tinha muitas vacas [...]”.

O pai de Cinderela, cujo nome não aparece nesta versão, conheceu a nova esposa, após a morte da mãe de Maria, em uma *aldeia* próxima à que eles viviam: “Tinham vindo de uma aldeia próxima [...]”.

Nesta versão aparece o nome das irmãs de Cinderela, Marta e Joana, nomes também bem populares no Brasil: “[...] que tinha duas filhas, Marta e Joana [...]”.

Assim como em todas as versões estudadas, a protagonista, Maria, recebe maus tratos por parte das irmãs e da madrasta: “Davam ordens e obrigavam Maria a fazer todo o trabalho de casa”.

Este conto não apresenta a figura da fada madrinha. Em seu lugar aparece um carneiro que fala, e que a ajuda nos momentos difíceis:

O carneiro falou com serenidade: - Traga todos os cestos para mim. Maria trouxe um por um e o carneiro engoliu o algodão. Logo, um fio começou a sair da boca do animal. Depressa, Maria enrolou o fio e levou tudo para a madrasta, que ficou muito espantada com tudo aquilo.

O carneiro é morto pelo pai de Maria, a pedido da madrasta que estava *grávida*: “O pai não queria acabar com o animal de estimação de Maria, mas a madrasta estava grávida, pediu, insistiu, até que ele cedeu”. No lugar da carruagem e do cocheiro aparece um cavalo, transporte típico em algumas regiões do Brasil: “[...] e um cavalo bem forte para me levar até lá”. A figura do príncipe não aparece nesta versão. Ele é substituído por um soldado: “Só uma pessoa a viu sair: um soldado elegante que não tinha conseguido tirar os olhos dela”.

Como em todas as outras versões mencionadas, a protagonista perde um de seus sapatos ao fugir do seu amor: “[...] ela tropeçou, perdendo um de seus sapatos *azuis*”. Desta vez é o próprio soldado que sai à procura da dona do sapato, até encontrar Maria, casando-se com ela na mesma igreja onde se conheceram:

O soldado estava quase indo embora, quando Maria apareceu. Ela ouviu o soldado falando de sua busca pela dona do sapato de couro azul. Enquanto as irmãs discutiam, Maria tinha apanhado a ponta da flecha. Pediu ao carneiro que trouxesse de volta o vestido *azul* e o outro sapatinho.

Quando o soldado viu Maria, ficou apaixonado. Ela lhe deu o outro pé do sapato *azul* e ele gentilmente calçou seus pés. Então segurou-lhe as mãos e pediu que se casasse com ele.

Saindo de casa, encontraram o cavalo preto esperando.

Naquele mesmo dia, Maria e o soldado foram à igreja onde tinham se conhecido, para se casar. E foram felizes para sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de “Cinderela” se mantém viva, não só pela sua trajetória, mas também pelo que ela representa.

Apesar das diferenças encontradas nas versões analisadas, “Cinderela” manteve em todas elas as características de um texto, cujo encantamento, em parte, está em uma sucessão de invenções e inovações encerradas em uma narrativa. Traduzidas do original ou adaptadas, com ou sem ilustrações, os contos de fadas ganham novas roupagens para melhor se aproximarem do público de cada época.

Cada conto é produto de vários autores, das trocas ocorridas entre as leituras públicas, das modificações introduzidas de edições em edições, das escolhas das imagens com o objetivo de abranger um público cada vez maior.

Através dessas análises podemos concluir não apenas que a história de Cinderela passou por muitas alterações ao longo dos anos, seja por conta da época ou do panorama cultural, mas também que muita coisa dentro dessa se manteve, não é à toa que existe uma relação intertextual entre as adaptações. Os contextos e discursos presentes em cada época criaram momentos propícios para que diferentes versões fossem lançadas. O trabalho de recriação/reelaboração literária de “Cinderela” e o seu universo popular a transformaram em uma criação artística que há mais de quatro séculos povoa a imaginação de crianças e adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCE, Marycarolyn. **Cinderela Brasileira**. Trad. Luiz Raul Machado. São Paulo: Paulos, 2006.

4MARQUES, Cristina. In: coleção Histórias Encantadas. **Cinderela**. Brasileitura.

PERRAULT, Charles. **Cinderela ou O Sapatinho de Vidro**. In: Histórias ou Contos de Outrora. São Paulo: Landy Editora, 2004.

In: Enciclopédia de Conhecimentos - Novo tesouro da Juventude. **A Gata Borracheira**. São Paulo, vol. 8, 1980.

PIMENTEL, Figueiredo. Contos da Carochinha. **A Gata Borracheira**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1995.

_____. coleção Os Melhores Clássicos. **Cinderela**. Trad. Maria Luiza A. Lima Paz. São Paulo; Girassol.

In. _____. coleção Clássicos Infantis. **Cinderela**. Sapeca.

BASILE, Giambattista. Il Pentamerone – Ossia la fiaba delle fiabe. Napoli: Bibliopolis, 2001. Tradução de Benedetto Croce.

SANTANA, RomanoAfonso. Paródia, Paráfrase e Cia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EDITORA WKIDS, Página da empresa. Disponível e: <http://www.wkids.com.br/home.php>.

GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. **A Gata Borracheira**. Texto de Helô. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1962.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Anne Christine e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Intertextualidade: diálogos possíveis. 2º ed. São Paulo, Cortez, 2008.

_____. Contos de Perrault. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Villa Rica, 1999.

ÁTICA NET. Disponível em: <http://www.atica.com.br/catalogo/?i=8508041934>.

BRANDÃO, Toni. **A Gata Borracheira**. Editora Planeta Brasil, 2003.

ÉDITIONS NATHAN. Catálogo geral. Disponível em: <http://www.nathan.fr/>

AXELRUD, Vera Schimansk. **Cinderela**. Editora Edelbra, 2006.